

LEITURA, LITERATURA E CINEMA: INTERLOCUÇÕES EM UMA PRÁTICA DE FORMAÇÃO CULTURAL¹

Samira Krupek Donaire², Wanessa Gorri de Oliveira³ e Aline Pereira Lima⁴

Resumo

A literatura é uma experiência a ser realizada na infância, juventude, mas também entre aqueles que mediarão práticas de leitura literária, ou seja, professores dos anos iniciais do ensino fundamental. A partir da investigação de práticas de Educação Literária no ensino superior, discute-se a inserção da linguagem cinematográfica na formação de professores, principalmente, no que diz respeito ao papel que tal suporte e artifício adquire no envolvimento e formação de leitores. Afinal, é possível o professor ampliar o repertório cultural das crianças quando ele próprio possui um repertório limitado? É possível ensinar aquilo que não se sabe? Partindo do pressuposto que a formação cultural do professor e, em seu bojo, a dimensão estética, devem integrar tanto a formação inicial como a formação continuada, investigamos o potencial formador da prática do cinema aliada à literatura para sustentar sugestões de uma prática de formação cultural. Para tanto, discorre-se sobre educação literária, formação de leitores, cinema, literatura, apresentam-se dados de uma prática de formação cultural, direcionada aos/às graduandos/as do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - *Câmpus* de Campo Mourão, e analisa-se a viabilidade desse tipo de formação no referido Curso.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, Cinema, Formação de professores, Prática de Formação Cultural.

READING, LITERATURE AND CINEMA: DIALOGUE IN A CULTURAL TRAINING PRACTICE

Abstract

Literature is an experience to be carried out in childhood and youth, but also among those who will mediate literary reading practices, that is, teachers from early years of elementary school. From the investigation of Literary Education practices in higher education, the insertion of cinematographic language in teachers' education is discussed, mainly concerning the role that such support and artifice acquires in the readers' involvement and education. After all, is it possible for the teacher to expand the cultural repertoire of children when they, themselves, have a limited repertoire? Is it possible for them to teach what they do not know? Based on the assumption that the teacher's cultural formation and, in its core, the aesthetic dimension, must integrate both initial and continuing education, we investigate the potential former of cinema practice combined with literature to support suggestions for a cultural training practice. In this

¹ O texto integra o resultado parcial de uma pesquisa, em nível de Iniciação Científica, intitulada "Leitura, literatura e cinema: interlocações em uma prática de formação cultural", orientada pela professora Dra. Wanessa Gorri de Oliveira.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - *Câmpus* de Campo Mourão. samirakrupek.sk25@gmail.com.

³ Professora Dra. do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - *Câmpus* de Campo Mourão. wanessa.oliveira@unespar.edu.br.

⁴ Professor Dra. do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de São Paulo - *Câmpus* Presidente Epitácio. aline.lima@ifsp.edu.br.

regard, it is discussed about literary education, reader training, cinema, literature, and data from a cultural training practice, aimed at undergraduate students of the Pedagogy Course of the State University of Paraná - *Câmpus* of Campo Mourão, and the feasibility of this type of training in this Course is analyzed.

Keywords: Reading, Literature, Cinema, Teacher training, Cultural Training Practice.

LECTURA, LITERATURA Y CINE: INTERLOCUCIONES EN UNA PRÁCTICA DE FORMACIÓN CULTURAL

Resumen

La literatura es una experiencia para realizarse en la infancia, en la juventud, pero también entre quienes mediarán las prácticas de lectura literaria, es decir, los docentes de los primeros años de la escuela primaria. A partir de la investigación de las prácticas de la Educación Literaria en la educación superior, se discute la inserción del lenguaje cinematográfico en la formación del profesorado, principalmente la actuación que ese apoyo y artificio adquiere en involucramiento y formación de los lectores. Después de todo, ¿es posible que el maestro amplíe el repertorio cultural de los niños cuando él mismo tiene un repertorio limitado? ¿Es posible que alguien enseñe lo que el mismo no sabe? Partiendo del supuesto de que la formación cultural del docente y, en su núcleo, la dimensión estética, deben integrar tanto la educación inicial como la continua, investigamos el potencial de la formación de la práctica cinematográfica combinada con la literatura para sustentar sugerencias para una práctica de educación cultural. Para ello, se presenta la educación literaria, la formación de lectores, el cine, la literatura y datos de una práctica de formación cultural, dirigida a estudiantes del grado superior en Pedagogía de la Universidad Estatal de Paraná - Campus de Campo Mourão, y se analiza la viabilidad, en dicho curso, de este tipo de formación.

Palabras-clave: Lectura, Literatura, Cine, Formación de profesores, Práctica de formación cultural.

1. Considerações Iniciais

O contexto atual de formação de professores apresenta-se cada vez mais complexo, seja pelas atuais reformas educacionais, políticas de formação inicial e continuada que marcadamente assumem características neoliberais, pelo desprestígio social do professor e consequente desinteresse pela profissão docente, ou pelo perfil dos alunos que hoje buscam cursar licenciaturas.

Sobre o perfil desses alunos, pesquisas têm demonstrado que (GATTI e NUNES, 2009; GATTI e BARRETO, 2009; GATTI, 2010), quem opta pelo magistério é em sua maioria pertencente a famílias das classes C e D, são egressos dos sistemas públicos de ensino e que passaram por dificuldades de diferentes ordens para ingressar no Ensino Superior.

Os futuros professores são também estudantes que, “principalmente pelas restrições financeiras, tiveram poucos recursos para investir em ações que lhes permitissem maior riqueza cultural e acesso à leitura, cinema, teatro, eventos, exposições e viagens” (GATTI; NUNES, 2009, p. 14). Tais dados revelam que temos atuado em um contexto formativo cujo repertório educacional mostra-se deficitário e o acesso a bens culturais restrito. Essas condições, se não problematizadas e enfrentadas, terão impacto no futuro, quando esse aluno se tornar professor, afinal, é possível o professor ampliar o repertório cultural das crianças quando ele próprio tem um repertório limitado? É possível ensinar aquilo que não se sabe?

Considerando improvável que esse professor consiga promover experiências culturais (em artes visuais, literatura, cinema, teatro, dança, música, etc.) que ultrapassem seus próprios limites vivenciais, estratégias de formação cultural precisam ser pensadas.

Sem desconsiderar a conjunção de fatores ligados à problemática, vemos “ser importante chamar a atenção para a questão específica da formação inicial dos professores, o que envolve diretamente as instituições de ensino superior, em especial as universidades” (GATTI, 2010, p. 1359-1360). Isso porque, se a Universidade não estiver atenta à formação cultural, certamente teremos professores cada vez mais restritos em seu cabedal cultural.

A formação cultural envolve as mais distintas dimensões do desenvolvimento humano (SILVA; ALMEIDA; FERREIRA, 2011). Bissoli, Moraes e Rocha (2014) a definem como apropriação da cultura historicamente acumulada e, mais especificamente, como ampliação das experiências estéticas. Trata-se do processo formativo em que “o indivíduo se conecta ao mundo da cultura, mundo esse entendido como um espaço de diferentes leituras e interpretações do real, concretizado nas artes (música, teatro, dança, artes visuais, cinema, entre outros) e na literatura” (NOGUEIRA, 2008, p. 32).

A crença de que a formação cultural do professor e, em seu bojo, a dimensão estética, deve integrar tanto a formação inicial como a formação continuada é que nos empenhamos em investigar o potencial formador da prática do cinema aliado a literatura. A fim de romper com as linearidades, estabelecer novas possibilidades de conhecer, transcender as regularidades e produzir novos conhecimentos, é que se busca ampliar as experiências estéticas entre os alunos do curso de Pedagogia, destacando a arte cinematográfica e literária como objeto de apropriação e elemento essencial à formação cultural. Procura-se assim contribuir para a melhoria da qualidade da formação dos profissionais docentes.

Neste texto, apoiados nas investigações em curso, dentre elas uma pesquisa em nível de Iniciação científica desenvolvida com alunos da Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - *Câmpus* de Campo Mourão (Unespar - *Câmpus* de Campo Mourão) , volveremos atenção à inserção da linguagem literária e cinematográfica na formação de professores, principalmente, no que diz respeito ao papel que tal postura adquire na formação cultural e, mais especificamente, no envolvimento e formação de leitores.

2. Leitura, Literatura e Cinema

Ler é um ato que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas, como afirma Freire (1989), um ato que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. É prática social, histórica e cultural em que o leitor age sobre o texto para, nesse processo, criar leitura (ARENA, 2010).

A leitura, segundo Arena (2010), caracteriza-se por uma produção protagonizada pelo sujeito que tenta ler. “A leitura somente ganha existência quando o leitor a cria na relação entre o que ele é, o que sabe, e o que o texto criado pelo outro está a oferecer” (ARENA, 2010, p. 243). É o ensino do ato de ler, como um ato cultural, que “possibilita criar a sua própria leitura, nos limites de sua potencialidade, na sua relação com os diferentes gêneros e suportes textuais que possibilitam a formação crescente e permanente de modos de pensar cada vez mais abstratos” (ARENA, 2010, p. 243).

Como se tem percebido, nem todos os alunos têm chegado à idade adulta com facilidade de ler um texto nas suas relações com o mundo de seu entorno sociocultural. Seja nos anos iniciais da escolarização, como pontua Arena (2010), ou no ensino superior, ouvimos queixas frequentes de professores dirigidas às dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à compreensão ou interpretação dos textos que lhes são recomendados.

Sem desconsiderar os aspectos políticos e econômicos que contribuem para o delineamento do ensino, as ações do próprio processo educacional e das políticas educacionais, podemos afirmar que o problema também envolve “aspectos de natureza histórica, vinculados a concepções sobre o que se considera saber ler; sobre o desempenho do bom leitor; sobre o que é leitura, sobre os escritos utilizados para ensinar a ler e, sobretudo, como as crianças podem aprender a ler” (ARENA, 2010, p. 238).

A tradição histórica predominante no ensino do ato de ler recai exclusivamente sobre a relação grafofônica, como se fosse o essencial a ser dominado, isolado do aspecto semântico

(ARENA, 2010). Nessa tradição, a “compreensão seria conquistada naturalmente pela verbalização durante o ato de ler” (ARENA, 2010, p. 239). Em síntese, ensina-se a pronunciar palavras escritas para que, em etapa subsequente, o próprio aluno aprenda a atribuir sentido.

Uma contradição se estabelece aí na medida em que

[...] os agentes escolares, pela própria natureza da língua e pela própria herança social, educacional e cultural, ensinam e avaliam o desempenho no ato de um modo — a capacidade de pronunciar bem as seqüências silábicas, mas, logo adiante, avaliam de outro modo: a capacidade de compreender o pronunciado ou o murmurado (ARENA, 2010, p. 240).

Ainda segundo o autor, esse desconcerto revela a crença de que a produção de sentido dar-se-ia pela própria pronúncia, porque quem fala teria, conseqüentemente, de compreender a sua própria fala. Entretanto, o aluno só está pronunciando o escrito, reproduzindo a fala de um outro. Nessa situação, a compreensão não foi intencionalmente ensinada, o aluno não aprendeu a

[...] movimentar todo seu acervo cultural para dar sentido ao que as marcas gráficas sugerem; nem aprendeu as práticas sociais, culturais e históricas do ato de ler criadas e renovadas nos contextos sociais e nas relações entre os homens e os objetos em sua ação de ler (ARENA, 2010, p. 240).

O texto literário é um dos textos que, embora, por vezes, ausente da sala de aula, exige esse leitor que é capaz de atribuir sentidos, esse sujeito protagonista na produção de sentidos.

Com base no estudo do texto “A literatura e a formação do homem” (CANDIDO, 2012), vemos que a literatura é uma das manifestações artísticas do ser humano, recriadora da realidade, pois, “[...] é sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos [...]” (CANDIDO, 2012, p. 85).

A literatura é um meio de conhecimento imprescindível à formação humana. Contempla funções da obra, do autor, do texto como um todo e propicia ao leitor uma experiência profunda sobre a visão ofertada pelo escritor perante a realidade.

O texto literário propõe que o leitor se relacione com a obra lida, viva a história, se encontre na visão das personagens e embarque em uma nova experiência imaginária. Nesse prisma,

[...] a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo

e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção [...] (COSSON, 2018, p. 17).

A literatura possibilita ao homem fugir da realidade e adentrar em um mundo repleto de fantasias, que lhe permitirão momentos reflexivos, formativos e críticos, os quais vinculam-se com os diversos segmentos da sociedade (CANDIDO, 2012). Esse vínculo emerge dos acontecimentos de uma determinada época e espaço, das representações culturais construídas e das ideologias propagadas ou repudiadas. Por essas e outras razões, as instituições formadoras de professores e as instituições escolares tornam-se indispensáveis para o trato da literatura como Arte formadora humana.

As instituições supramencionadas exercem a mesma relevância para posicionar o cinema como uma Arte, pois, os filmes elaborados expressam atos criativos de seus realizadores e não objetos irrelevantes (BERGALA, 2008).

Para Duarte (2009), o mesmo empenho em criar estratégias para despertar o interesse pela literatura nos diferentes níveis de ensino, é necessário para com o cinema. É preciso encontrar formas coerentes de impulsionar o gosto pelo cinema.

Fonte de acesso aos conhecimentos e formador de identidades, de percepções, o cinema é uma tecnologia que produz fotogramas, em que são apresentadas imagens de maneira rápida e cria a quem assiste uma percepção visual de inúmeras imagens se movimentando rapidamente e de forma autônoma ou lúdica de “sociação”. Para tanto, um filme é resultado de uma autoria e é configurado por diferentes elementos, a saber: som musical, ruídos, imagem em movimento e sons da fala (DUARTE, 2009).

Ler um filme não é tarefa fácil, tampouco, analisá-lo como ponto de partida às ações educativas nos diversos níveis de ensino. Há uma diferença substancial, por exemplo, na análise de uma obra literária e na análise de um filme. Penafria (2009) traça uma observação quanto a essa distinção:

[...] No imediato, analisar um filme na sua totalidade afigura-se uma tarefa quase interminável. Mas, o principal problema é o facto do filme não ser citável; por exemplo, na análise/crítica literária são usadas palavras que se referem a palavras, na análise/crítica de filmes são usadas palavras que se referem a imagens e sons [...] (PENAFRIA, 2009, p. 5).

Essa observação da autora ilustra a singularidade da análise fílmica, se comparada a análise de uma obra literária, isso porque, a forma de comunicação do filme ocorre pela via das

imagens e dos sons, os quais são recepcionados pelos espectadores de modo diferente da recepção resultante da leitura de uma obra literária.

Tanto o cinema quanto a literatura são essenciais à formação e expressão humana. Ambos são meios de expressão da Arte e dotados de características específicas que podem se entrecruzar. Segundo Pereira (2009):

a relação entre literatura e cinema é antiga e ao comparar questões da criação literária com os dilemas dos realizadores cinematográficos, encontraremos muitos pontos em comum. Se procurarmos diferenças, também as encontraremos, é claro. Mas a influência da literatura sobre o cinema é inegável e pode ser facilmente comprovada no terreno das adaptações (PEREIRA, 2009, p. 43).

O entrecruzamento da literatura com o cinema forma culturalmente e fomenta experiências estéticas. Por exemplo, uma obra literária permite que a imaginação crie/recrie certas características moduladas pelo autor. Já um filme, produzido com base em uma obra literária, recriará elementos da obra, resultando em uma feitura singular que impulsionará as maneiras de sentir, de criar, de ver e de perceber.

Sendo assim, é permissível definir que o texto literário narra para mostrar, já o filme, mostra para narrar. Tanto um, quanto o outro, devem ser trabalhados e ensinados, para que os produtos culturais predominantes no texto literário e no fílmico sejam consumidos por meio de uma leitura “adequada” (VOLMER; KUNZ, 2009).

Para Volmer e Kunz (2009, p. 88) “[...] a literatura e o cinema constituem-se em reflexos sobre o homem, instaurando um olhar crítico [...]” a fim de desempenhar, não somente um entretenimento, mas uma educação dos sentimentos e sentidos. Nas palavras dos autores,

[...] o estudo da literatura e do cinema é imprescindível em todos os níveis de ensino, justamente por oferecer à consciência de oportunidade de ver e entender o Outro. É, pois, por meio da percepção do Outro que o sujeito se constitui, e, por conseguinte, reflete sobre si, podendo, assim, modificar-se e, conseqüentemente, intervir na realidade em que está inserido (VOLMER; KUNZ, 2009, p. 94).

Diante disso, vale a pena pensar no uso pedagógico do cinema e da literatura em processos educativos que ultrapassem a rigidez e as cristalizações constituídas, muitas vezes, pelas instituições formadoras de professores e escolares. É o que faremos a seguir.

3. Literatura, Cinema e Formação cultural

Embora a importância da literatura e do cinema sejam prementes, seus usos pedagógicos, geralmente, escapam aos propósitos estéticos e de leitura. Ancoram-se num

pedagogismo que os interpreta como recursos didáticos engavetados e limitados à “ilustração” de conteúdos escolares.

Em sala de aula, muitos educadores abordam a literatura apenas como forma de estudar escolas literárias, explanam sobre sua importância, apresentam significações prontas, deixando, por vezes, de solicitar aos alunos a leitura (significativa) das obras. Segundo Dias (2016),

as condições de acesso à leitura literária não são muito favoráveis no contexto brasileiro. Promovendo acesso esporádico ao texto, muitas vezes a escolarização prende-se mais à tarefa de ensinar sobre a literatura do que promover o encontro do leitor com o texto (DIAS, 2016, p. 211).

Há casos constantes em que a literatura é utilizada em sala de aula num sentido moralizante, como “manual de boas condutas”. Com isso, faz-se uma assepsia do “não adequado” e seleciona-se literaturas vislumbradas como “pertinentes” ao ensino.

A esse respeito, a função educativa da literatura na formação do sujeito é complexa e ultrapassa o prescrito pela pedagogia oficial, “[...] que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida [...]” (CANDIDO, 2012, p. 84).

A literatura ensina na medida em que se interliga com o entorno dos sujeitos. Abordá-la na íntegra é requisito para não banir sua essência, pois “[...] é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta [...]” (CANDIDO, 2012, p.4). Dito de outra forma, a literatura não se restringe ao “ideologicamente” adequado pela sociedade e pelas instituições escolares.

Da mesma forma, o uso escolar do cinema se faz problemático. Há uma tendência em atribuir sentido a um filme apenas por sua “utilidade” conteudista. Na visão de Bergala (2008), o filme como Arte é fruto de um ato de criação e abordá-lo em sala de aula pressupõe, antes de tudo, considerá-lo como tal.

Bergala (2008) chama atenção à tendência de muitos professores selecionarem filmes e visioná-los, apenas, como alternativa à exploração de temáticas e/ou conteúdos de ensino. O filme, obra criada, deve ser selecionado por aquilo que é e expressa, caso contrário, negligencia-se sua capacidade de representar a realidade por através da própria realidade.

No âmbito pedagógico, se bem utilizado, o cinema pode atuar na maneira de ver filmes e na ampliação das experiências culturais e estéticas que, “[...] acabam interagindo na produção

de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais” (DUARTE, 2009, p. 19).

Na perspectiva de Volmer e Kunz (2009), o importante é não utilizar o cinema como ilustração, mas sim para analisar os elementos que compõem a narrativa fílmica e observar como os efeitos de linguagem constroem sentidos. Propõem, em concomitância, trabalhar o cinema em sala de aula como um material didático impulsionador da análise conjunta dos conteúdos curriculares.

Um bom filme, segundo Napolitano (2019), pode ser utilizado a fim de despertar motivação e curiosidade nos alunos e instigá-los ao debate e a pesquisa. Por meio do filme, o aluno terá contato com uma realidade distante e conhecimento sobre um espaço e tempo que lhe é desconhecido.

Em suma, as interlocações entre a literatura e o cinema em uma prática de formação cultural, como a remetida aos estudantes de pedagogia da UNESPAR/Campo Mourão, perfila o potencial que tal formação apresentará às práticas em sala de aula na educação básica. Dessa forma, na sequência, desbravaremos uma rota teórica e metodológica válida à prática de formação cultural.

4. A Leitura e o Cinema em uma prática de formação cultural

Entrelaçar a literatura e o cinema em uma prática de formação cultural, requer planejamento com objetivo claro, isso porque, tanto a literatura como o cinema possuem suas peculiaridades. Devido a essas peculiaridades, a proposição de ações exige um trato teórico-metodológico que vislumbre as suas distinções e os seus pontos de entrelaçamento.

No nosso caso, a proposta de formação cultural pôde se dar no entrelaçamento de práticas de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no curso de Pedagogia UNESPAR/Campo Mourão.

No campo do ensino, empenhados no propósito de ensinar a ler (em seu sentido amplo) interagindo com textos reais e com práticas guiadas a propósitos efetivos, algumas estratégias de educação literária na perspectiva da experiência estética, foram estabelecidas. Em um ciclo de ação-reflexão-ação, em que os graduandos pudessem vivenciar a educação literária, estudar sobre ela e a promover no campo de estágio, estabeleceu-se, espaços de leitura e mediação literária. As práticas decorreram no espaço das aulas sobre leitura, numa disciplina de Fundamentos teórico-metodológicos da alfabetização em Língua Portuguesa, e, especialmente,

nas orientações para práticas de estágio supervisionado das séries iniciais do Ensino Fundamental I. As práticas foram vivenciais, ou seja, com literatura adulta e finalidades específicas de leitura literária. No entanto, quando essas mesmas práticas foram problematizadas no espaço de estágio, acabaram por orientar outras possíveis práticas.

Concomitantemente, e como forma de aprofundar ou estender leituras, de permitir ao leitor posicionar-se diante da obra, identificá-la, questioná-la e expandir os seus sentidos, no campo da extensão, ações fílmicas se deram.

No curso de Pedagogia da Unespar - *Câmpus* de Campo Mourão, o trato com o cinema encontra espaço no projeto de extensão intitulado “Cine educação: olhares para a formação docente”. O projeto extensionista desenvolve ações desde o ano de 2015 e, no ano de 2020, está em sua 5ª edição. Seu público-alvo envolve estudantes de licenciaturas – especialmente os estudantes de Pedagogia -, estudantes e professores da educação básica, egressos, idosos e demais membros da comunidade externa interessados.

O referido projeto é um dos poucos espaços de formação cultural disponibilizado na instituição. Na visão de Gatti (2009), não há previsão consistente, nos currículos de formação inicial de professores, de atividades culturais. Encontra-se a previsão de algumas horas para o desenvolvimento de atividades culturais, as quais não são especificadas e nem acompanhadas a contento. Dessa forma, no projeto, o graduando em licenciatura encontra meios de “[...] aprender a tornar-se um espectador que vivencia as emoções da própria criação” (BERGALA, 2008, p. 35).

O projeto propõe a exibição de filmes relacionados ao campo da educação e articulados a ciclos temáticos. Cada ciclo temático é coordenado por um professor do colegiado de Pedagogia, professores de outros colegiados, egressos do curso de Pedagogia e alunos da graduação envolvidos no projeto ou em práticas de estágio.

O planejamento das sessões que integram os ciclos temáticos, exige encontros para discussões teóricas, estudo sobre o cinema e educação, escolha e preparação dos debatedores/mediadores.

No ciclo temático “Leitura, literatura e cinema”, pudemos agregar a exibição de filmes cuja base construtiva fosse uma determinada obra literária. Nesse viés, o filme não é compreendido como mero objeto, mas, uma criação que deve ser visionado para ampliar a sensibilidade em torno do mundo e, ainda mais, objetiva a formação de um espectador-criador (BERGALA, 2008).

Nesse contexto, entrelaçou-se também às práticas citadas a pesquisa de Iniciação científica “Leitura, Literatura E Cinema: Interloquções Em Uma Prática De Formação Cultural” cujo objetivo principal consiste em investigar uma prática de formação cultural desenvolvida a partir do cinema e da literatura com alunos do curso de Pedagogia da Unespar - *Câmpus* de Campo Mourão, verificando a viabilidade desse tipo de formação no curso. A pesquisa, foca, portanto, as ações desenvolvidas no curso em torno do cinema e da literatura tendo como *locus* principal o projeto Cine Educação.

No percurso dessa pesquisa, além de estudar os elementos teóricos que regem formação cultural, literatura e cinema, compreender o perfil cultural dos alunos da Pedagogia, pudemos nos arriscar na sistematização de caminhos metodológicos que permitissem a outros estudiosos da formação de professores vislumbrarem práticas possíveis.

Como estratégia que permite ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa, adotamos as proposições de Cosson (2018) para o letramento literário-terminologia utilizada para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, nesse caso a literatura. Para tanto, indicamos as oficinas como perspectiva metodológica que permite “aprender a fazer fazendo” e leva o aluno a construir pela prática o seu conhecimento.

As oficinas podem ser construídas a partir das sequências básica ou expandida do letramento literário, como descritas em Cosson (2018). No nosso caso, como alinhadas a momentos de abordagem cinematográfica, temos preferido a sequência básica, que é constituída de quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Em linhas gerais, a motivação consiste numa preparação para entrar no texto, uma antecipação que busca estabelecer laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. Segundo o autor,

crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras. É como se a necessidade de imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação os conectasse diretamente com o mundo da ficção e da poesia, abrindo portas e pavimentando caminhos para experiência literária (COSSON, 2018, p. 54).

A introdução é a apresentação do autor e da obra enfatizando as características do autor e obra a serem lidas como também incentivar o questionamento das escolhas e das razões que levaram a realizar no lugar de outras. Apesar de simples é preciso cuidado para não tornar a

atividade uma longa e expositiva aula sobre vida e obra do escritor com detalhes bibliográficos que interessam mais a pesquisadores do que propriamente ao leitor do texto. Como afirma Cosson (2018), a biografia é um entre os outros contextos que acompanham o texto, portanto no momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, sobre aquele texto.

A leitura é o momento de se apropriar do texto escrito como um todo. Quando o texto é extenso, o ideal é que aconteça fora da sala de aula. O acompanhamento da leitura é algo que acompanha essa etapa. A leitura, em espaços formativos, “precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento” (COSSON, 2017, p. 62). Trata-se mais de acompanhar as dificuldades e ritmos de leitura. Os intervalos, algo que também acontece nessa etapa, são atividades específicas de natureza variada, que funcionam como uma “focalização sobre o tema da leitura e permitindo que se tenham aproximações breves entre o que já foi lido e o novo texto” (COSSON, 2017, p. 63).

A interpretação, por fim, concretiza a construção do sentido do texto e tem como princípio a externalização da leitura. “Trata-se de um processo afetado pelo que se faz antes e se faz durante a leitura” (COSSON, 2017, p. 65). Nesse momento é possível compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos atribuídos em atividades diversas.

Para o uso do cinema dispositivo pedagógico formador, as propostas de Napolitano (2019), Duarte (2009) e Volmer e Kunz (2009) foram as que nos serviriam de suporte. Temos sistematizado as ações fílmicas em torno de: planejamento; elaboração do roteiro de análise do filme; preparação do espectador; exibição e; debate.

O planejamento, requer, assistir ao filme antes para mobilizar o olhar mais crítico e apurado sobre ele, selecionando trechos que serão analisados, anotando, por exemplo, cenas, imagens representativas, etc. Além disso, permite refletir sobre os conceitos e valores que o filme mobiliza, tema, personagens, grau de dificuldade para sua compreensão (NAPOLITANO, 2019) e elaborar o momento de preparação do espectador.

Elaborar um roteiro de análise do filme ajuda a dinamizar os debates, algo previsto para acontecer após a exibição. O roteiro não esgota possibilidades de olhares próprios sobre os filmes, mas ajuda na sistematização do debate e no alcance dos objetivos da atividade. O roteiro valorizará não apenas a temática, os diálogos, mas também outros elementos como

cenários, figurinos, configuração dos personagens, enquadramentos e ângulos (NAPOLITANO, 2019).

A preparação do espectador é o momento que antecede a exibição do filme e acontece já na sala de cinema. Nele, questões que contextualizam a produção fílmica são apresentadas, tais como sinopse, direção, duração, país de origem, etc. Da mesma forma, de acordo com os objetivos pretendidos para a sessão, se sugerem questões que possam ser observadas, lança-se provocações, etc.

A exibição é o momento de fruição do filme, ou seja, apreciação significativa de arte e do universo a ela relacionado. Por fim, o debate, sucessor a exibição, possibilita que todo o público se envolva na discussão do filme. De forma a dinamizar a discussão, o debatedor propõe algumas discussões a partir do roteiro de análise.

A articulação das duas práticas- literária e cinematográfica- pode se dar de diversas formas. Uma delas, por exemplo, é tomar o filme no momento de motivação da leitura, outra, nos intervalos de leitura, isso, sem desprezar os momentos de abordagem dele como uma outra linguagem.

Independentemente de como os entrelaçamentos entre obra escrita e obra fílmica se deem, alguns aspectos são fundamentais para tornar a prática de formação significativa.

O planejamento é algo indispensável. Nesse caso, em que se une literatura e cinema, a primeira coisa a fazer é selecionar o livro que será lido e discutido pela turma e o filme que acompanhará as atividades. Já nesse momento, há de se ficar atento ao processo de escolarização da literatura e do cinema. Isso porque pretendemos estabelecer práticas sob outra instância da escolarização que não aquela ritualística (de como se deve ler ou assistir) ou conteudista (que impõe conteúdos curriculares de outras disciplinas).

É importante decidir se a obra projetada será a mesma da tomada como referência literária, ou não. Ambas hipóteses são possibilidades, a depender do objetivo (às vezes o objetivo estabelecer é intertextualidades entre duas obras, mas as vezes o objetivo é ler a mesma obra sob diferentes prismas, o prisma das palavras-literatura- e o prisma das imagens em movimentos-cinema).

Respeitar a integralidade da obra é outro ponto importante, pois se pode retirar ou saltar partes do texto que, por alguma razão, se acha inadequado, desinteressantes ou desnecessário.

Decidido o momento em que o cinema incorporará a prática, a seleção dos debatedores/mediadores é um procedimento que temos adotado, afinal, trazer alguém que estuda determinado tema, conhece determinada obra, ou pode lançar outros olhares sobre ela tende a enriquecer o debate.

Com vistas à preparação dos debatedores/mediadores, uma dentre tantas alternativas, seria aproximar alguns encaminhamentos da análise de filmes em consonância com a abordagem de Penafria (2009). A análise de filmes pressupõe interpretar e valorizar a autoria/criação do realizador. Nas palavras da autora:

Se o analista racionalizar demasiado o visionamento de um filme o mesmo passa a ser um objecto sobre o qual é exercido controlo e a afectação emocional poderá sair prejudicada por esse processo racional. O analista poderá considerar-se autor do filme e daí saírem prejudicadas as possíveis observações sobre o lugar que o filme instaura/reserva para o espectador. O analista poderá considerar-se um interpretador livre, mas a partir desta sua posição o realizador, na sua legítima situação de criador, é deixado de lado (PENAFRIA, 2009, p. 5).

Um dos procedimentos enfatizado por Penafria (2009), significativo à preparação dos debatedores/mediadores, firma-se na denominada “análise de conteúdo”. A análise de conteúdo “[...] considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme [...] (PENAFRIA, 2009, p. 6).

Esse tipo de análise, requer, entre outras questões, estabelecer o objetivo da análise proposta; delimitar o tema do filme; identificar seu título em português, título original, ano, país, gênero, duração, ficha técnica, sinopse; decompor o filme levando em consideração seu tema; selecionar a cena principal do filme; retirar fotogramas do filme como instrumento de trabalho. No mais, “[...] apenas pela análise será possível verificar e avaliar, efectivamente, os filmes naquilo que têm de específico ou de semelhante em relação a outros [...] (PENAFRIA, 2009, p. 9).

Em decorrência dos limites dessa produção, optou-se pela indicação pontual de elementos que contribuam à emergência de organizar espaços coesos que fomentem a formação cultural de professores em formação, pela via das interloquções entre cinema e literatura, algo que temos adotado no curso de pedagogia da UNESPAR/ Campo Mourão.

5. Considerações Finais

A literatura e o cinema adensam universos subjetivos mediatizados pelo universo coletivo. Essas formas de Arte expressam as representações produzidas pelos homens no

decorrer dos tempos e espaços. A ficção presente nelas, abre portas à cultura, à criatividade e ao olhar estético. Isso é enriquecedor e humanizador.

A partir do que temos desenvolvido com alunos de pedagogia da UNESPAR/Campo Mourão, os apontamentos metodológicos esboçados buscam impulsionar práticas de formação cultural voltadas à formação de professores. Durante o artigo, empenhou-se em debater e defender as interloquções entre literatura e cinema como escopo à formação cultural dos graduandos em pedagogia, futuros professores da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental.

A sociedade contemporânea impõe às Universidades e às escolas uma luta constante que assegure o desenvolvimento de práticas centradas na formação cultural e estética. Para institucionalizar práticas dessa natureza, há que se refletir e materializar uma sólida formação docente, sem a qual, não se encontrará meios de ensinar os alunos nas instituições escolares. Afinal de contas, o professor não pode ensinar aquilo que não aprendeu.

6. Referências

ARENA, D.B. O ensino da ação de ler e suas contradições. **Ensino Em-Revista**, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 237-247, jan/jun 2010.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UERJ, 2008.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 8º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018

BISSOLLI, M.F.; MORAES, A.J.A.B.; ROCHA, S.C.B. A formação cultural do professor: desafios e implicações. **Educação em Perspectiva**. Viçosa, v. 5, n. 1, p. 118-134, jan./jun. 2014.

DIAS, A.C. Literatura e educação literária: quando a literatura faz sentido(s). **Revista Cerrados**, v. 25, n.42, p. 210-228, 2016.

DUARTE, R. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** 23.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GATTI, B.A. Formação de professores no Brasil: Características e problemas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010.

GATTI, B.A.; BARRETTO, E.S.S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Editora da UNESCO, 2009.

GATTI, B.A.; NUNES, M.M.R. (Orgs.). Formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em Pedagogia, Língua Português, Matemática e Ciências Biológicas. **Textos FCC**, São Paulo, v. 29, 2009. 155p.

VOLMER, L.; KUNZ, M. A. Literatura e cinema na sala de aula. In: CONTE, D.; VOLMER, L.; GRÊGIS, R.A.(Orgs.). **Espaços de encontro: literatura, cinema, linguagem, ensino**. Novo Hamburgo: Feevale, 2009, p. 83-90.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2019.

NOGUEIRA, M. **A formação cultural de professores ou a arte da fuga**. Goiânia: Editora UFG, 2008.

O PEQUENO Príncipe. Direção: Mark Osborne. [S. l.]: Paris Filmes, 2015. Disponível em: <https://megafilmes.org/o-pequeno-principe/>. Acesso em: 17 fev. 2020. (108min).

PENAFRIA, M. Análise de filmes - conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. **Anais eletrônicos...** Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>.

PEREIRA, O.A. **Cinema e Literatura: dois sistemas semióticos distintos**. Kalíope, São Paulo, ano 5, n. 10, ago/dez 2009, p. 42-69

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Pé da Letra, 2016.

SILVA, S. M. C.; ALMEIDA, C.M.C.; FERREIRA, S. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vigotski na discussão do tema. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 219-228, abr./jun. 2011.